

Contos da Tartaruga Dourada

Kim Si-seup



KIM SI-SEUP

Contos da Tartaruga Dourada

Tradução, notas e textos complementares

Yun Jung Im



Estação Liberdade

Título original: 금오신화 / *Geumo Sinhwa*

© Editora Estação Liberdade, 2017, para esta tradução

<i>Preparação</i>	Silvia Massimini Felix
<i>Revisão</i>	Cecília Floresta
<i>Assistência editorial</i>	Fábio Fujita e Gabriel Joppert
<i>Composição e supervisão editorial</i>	Letícia Howes
<i>Edição de arte</i>	Miguel Simon
<i>Imagem de capa</i>	Autor desconhecido, Biombo de Dez Folhas com “Dez Símbolos da Longevidade” (detalhe), séc. XIX, pintura em seda, Leeum — Museu de Arte Samsung
<i>Comercialização</i>	Arnaldo Patzina e Flaiene Ribeiro
<i>Administrativo</i>	Anseldo Sandes
<i>Coordenação de produção</i>	Edilberto F. Verza
<i>Editor responsável</i>	Angel Bojadsen

A PUBLICAÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM SUBSÍDIO DO
LITERATURE TRANSLATION INSTITUTE OF KOREA (LTI KOREA).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S636c

Si-seup, Kim, 1435-1493

Contos da tartaruga dourada / Kim Si-seup ; tradução Yun Jung Im. - 1. ed. - São Paulo :
Estação Liberdade, 2017.

176 p. : il. ; 19 cm.

Tradução de: Geumo sinhwa

ISBN: 978-85-7448-284-2

1. Conto coreano. I. Im, Yun Jung. II. Título.

17-41810

CDD: 895.7

CDU: 821(519.5)

15/05/2017 15/05/2017

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3660 3180 | Fax: (11) 3825 4239
www.estacaoliberalidade.com.br

금오신화

Sumário

- 11 Notas introdutórias
- 17 Um jogo de varetas no Templo das Mil Fortunas
- 47 Yi espreita por cima da mureta
- 79 Embriaguez e deleite no Pavilhão do Azul
Suspenso
- 105 Visita à Terra das Chamas Flutuantes do Sul
- 131 O banquete esvanecido no Palácio do Fundo
das Águas
- 161 Ao fim do Volume Primeiro
- 163 Sobre o autor
- 169 Sobre a obra

Notas introdutórias

Dinastia Joseon, Reino das Manhãs Calmas, século XV. Eis o cenário de uma mudança radical experimentada pelos coreanos, comparável apenas àquela que se processa nos dias de hoje, a da modernização/ocidentalização. Se esta última tem desafiado os valores e a estrutura confucionistas da sociedade coreana, tendo à frente a Revolução Industrial, o sistema capitalista e a religião cristã, aquela do século XV promovia uma revolução epistemológica não menos radical, em que se pretendia banir o budismo em prol da construção de um Estado neoconfucionista. As implicações dessa guinada envolvem um golpe de Estado que instituiu a dinastia Joseon (“Reino das Manhãs Calmas”), em 1392, em detrimento da Goryeo (“Reino da Alta Beleza”), 918 a 1392, Estado fortemente budista, pondo fim a quase um milênio de budismo na história dos reinos coreanos. Envolveu também o desmantelamento de uma estrutura

política viciada em promiscuidade com a Igreja budista, bem como a adoção de um sistema político, administrativo e econômico que visava corrigir a concentração cada vez maior de bens nas mãos de um seletivo grupo de aristocratas.

Para os revolucionários, entretanto, o cerne da mudança era acima de tudo filosófico: elegeram Mêncio como mentor de seus ideais, filósofo chinês do século IV a.C. que permaneceu um tanto esquecido pelo cânone confucionista até ganhar destaque por meio da escola neoconfucionista a partir do século XII. Mêncio é conhecido hoje em dia como um filósofo político revolucionário, cuja visão se justifica pela ideia de que o povo é dotado de uma bondade intrínseca, em contraste com um bando de governantes facilmente corruptíveis pelo poder. Assim, o novo Estado buscava, em suma, um racionalismo social e político e, nesse contexto, deu-se grande destaque à legitimidade moral dos governantes, e por conseguinte o budismo foi rebaixado a um sistema de crenças fantasiosas, como a transmigração das almas ou a ideia do carma, que confundiriam as pessoas, fazendo-as se distanciar da realidade.

Talvez essas observações ajudem o leitor a entender as discussões que aparecem no conto “Visita à terra das Chamas Flutuantes do Sul” quanto aos deveres morais dos governantes e à crítica ao budismo, conteúdos que

aparecem também esparsamente nos demais contos. Vemos isso quando, por exemplo, Park comenta:

Já ouvi budistas dizerem que “acima do céu há um lugar cheio de alegria chamado paraíso e também um lugar de sofrimento chamado inferno, e que, neste último, dez grandes reis se postam para torturar os criminosos dos dezoito infernos”.

Ou indaga:

E dizem que um morto tem seus pecados perdoados se, passados sete dias da morte, alguém prestar um ritual de oferendas ao Buda, queimando incenso e dinheiro para desejar a subida de sua alma ao céu. Mas mesmo alguém perverso e violento merece esse generoso perdão?

Denuncia também as práticas budistas que considera nefastas:

No mundo, depois que os pais morrem, não se realizam mais cerimônias fúnebres e de condolência após completar 49 dias. A partir de então, concentram-se em prestar oferendas, tanto aqueles de posição elevada quanto os inferiores. Um rico abusa do seu dinheiro e incomoda o ouvido das pessoas, enquanto os pobres chegam a vender plantações e casas, ou ainda tomam emprestado dinheiro e grãos. Fazem bandeiras

de papel, flores com retalhos de seda, reunindo monges para rezar pela boa fortuna. Produzem, ainda, bonecos de argila, chamando-os de “pastor budista”, que supostamente presidem as cerimônias, cantando hinos budistas e entoando cânones, sons estes que se assemelham, para mim, a pássaros gralhando e ratos guinchando. Não se pode encontrar neles nenhuma filosofia propriamente dita. O primogênito do falecido traz a esposa e os filhos, e convida os amigos, de modo que, na reunião, se misturam homens e mulheres, o terreno sagrado do templo se torna uma latrina a céu aberto, repleto de cocô e xixi, e o lugar sagrado onde o Buda alcançou a iluminação se transforma numa feira barulhenta. Ainda por cima, evocam os Dez Reis do inferno, prestando rituais com banquete e queimando dinheiro, a fim de pedir perdão pelos pecados.

A divindade que o atende responde:

Nunca ouviu falar das palavras de um antigo sábio que dizia: “No céu não pode haver dois sóis, e no reino não pode haver dois reis”? Por isso, não posso acreditar nas palavras dos budistas. Não entendo por que queimar incenso e dinheiro para desejar a subida da alma de um morto ao céu, ou prestar cerimônia de oferendas ao rei! Peço que me explique com mais detalhes as enganações e falsidades do mundo humano!

E se lamenta: “Ai, ai, como é que se chegou a esse ponto?”

Entretanto, o que temos ao longo dos contos é um desfile de divindades, reinos de imortais, o amor entre vivos e mortos e outras cenas tão irreais e fantasiosas quanto as ideias do inferno ou da reencarnação budistas. Como se não bastasse, faz-se menção a banquete budista, espanador budista, tesouro budista e templos e rituais budistas como elementos referenciais louváveis, em que se pode vislumbrar a cultura budista solidificada e entranhada no cotidiano por mais de mil anos entre os coreanos. Daí, podemos observar que há um intenso sincretismo entre a doutrina taoísta, a filosofia budista e as crenças xamânicas nativas, e, ainda, a ideologia confuciana das ordens socialmente estabelecidas. De certa forma, pode-se dizer que as cinco histórias revelam um grande choque de identidade interno do autor, próprio de alguém que vive uma época de transição, em que se busca a justiça política e social por meio da ideologia neoconfucionista centrada na ordem político-social da vida humana, mas que carrega, em sua matriz emocional, a incorporação de diferentes camadas de explicação do mundo praticadas ao longo dos tempos e que foram se tornando natureza adquirida.

Um ponto a se observar é o fato de a obra ter sido redigida em ideogramas chineses, a escrita vigente à época, tendo a escrita coreana *hangeul* — código de fundo alfabético, isto é, com representação de sons em

vez de ideias — sido inventada pelo Grande Rei Sejong em 1443. Embora a nova escrita dos coreanos estivesse promulgada desde 1446, a classe dos letrados a relegaria ao segundo plano ainda por um longo tempo, e não sem motivo: toda a literatura acumulada até então se erigia sobre os clássicos chineses, sendo estes a grande fonte da sabedoria num mundo em que o estudo da filosofia e da poesia constituía a flor do conhecimento, além de ser o parâmetro utilizado para medir a virtude moral da pessoa e fundamentar a legitimidade de um bom governante. Nesse contexto, a própria escrita *hangeul*, desprovida de significado, era considerada de pouco valor, e o conhecimento dos ideogramas e dos clássicos chineses media, no final das contas, o grau da virtude moral. Por isso, as numerosas referências que se encontram na obra sobre as lendas e figuras mitológicas, além das citações de clássicos chineses, devem ser entendidas como um imperativo da época para demonstrar sua erudição, ou, em outras palavras, sua virtude moral e a legitimidade para ser ouvido.

Y. J. I.

Um jogo de varetas no Templo das Mil Fortunas

Em Campos do Sul, vivia um rapaz chamado Yang. Havia perdido os pais quando menino e, como ainda era solteiro, morava sozinho na edícula leste do Templo das Mil Fortunas.

Era primavera, e um pé de pereira em pleno desabrochar de flores brancas iluminava a frente da edícula, como se fosse uma árvore esculpida em jade branco ou um amontoado de prata.

Em noites de lua clara, Yang costumava demorar-se embaixo da pereira e também entoava poemas com sua voz límpida e sonora.

Uma pereira toda florida faz-me companhia nesta solidão
Quão infeliz sou, a desperdiçar esta noite de lua tão clara!
Seria muito esperar o som de flauta de uma linda donzela
A entrar pela janela solitária de um jovem deitado só?

O martim-pescador, que nunca voa só, não encontra seu par
E até o fiel pato-mandarim¹ banha-se em águas claras sem
a companheira

E aquele que joga go ali, sozinho, não terá ele
compromissos?

Pois lê a sorte com as flores da lanterna, acosta-se na janela,
e se lamenta

Quando Yang acabou de entoar todo o poema, de súbito uma voz se fez ouvir em pleno ar.

— Se teu desejo verdadeiro é encontrar uma linda esposa, por que te afliges tanto em pensamentos?

Ao ouvir essas palavras, seu coração se encheu de alegria.

O dia seguinte era justamente 29 de março, quando havia o costume de se acender lanternas no Templo das Mil Fortunas e rezar pelas graças de Buda. Nessa ocasião, muitos homens e mulheres se reuniram no templo, orando, cada qual, por seus desejos.

Depois que o dia se pôs e as odes ao Buda se encerraram, assim como os passos também rarearam, Yang entrou no santuário e se postou diante da imagem de Buda. Então, sacou de sua manga alguns pauzinhos de madeira e os depositou à sua frente:

1. O pato-mandarim, multicolorido com lindas cores, é símbolo de fidelidade conjugal.

— Hoje quero jogar uma partida de varetas convosco. Se eu perder, prestarei um banquete budista em vossa homenagem. Mas, se perderdes, deveis realizar meu desejo de ter uma linda esposa.

Yang terminou de proferir o desejo e jogou os pauzinhos de madeira. Ao verificar que havia vencido a partida, ajoelhou-se no mesmo instante e disse:

— Com o resultado já definido, não podeis me enganar de jeito nenhum, ouvistes?

Em seguida, escondeu-se embaixo da base que sustentava a imagem de Buda e ficou esperando que a promessa se realizasse. Pouco depois, de fato apareceu uma moça muito bonita. Devia ter cerca de quinze anos; trazia os cabelos repartidos ao meio e duas longas tranças laterais; seu traje era um tanto simples e ela parecia ser uma donzela bem meiga. Linda! Como um anjo caído do céu ou uma deusa surgida do mar. Por mais que a olhasse, sua figura era impecável.

A moça levantou um vidro de óleo, verteu-o na lamparina e acendeu um incenso. Depois, fez três reverências ao Buda, ajoelhou-se e murmurou, com um triste suspiro:

— Entendo que uma vida possa ser desafortunada! Mas a esse ponto?

Sacou então uma carta de desejos que trazia no peito e a depositou na mesinha em frente ao Buda. Eis seu conteúdo:

Este alguém que vive na região tal, na vila tal, vos roga! Isso ocorreu num dia em que a linha de defesa da fronteira se rompeu e os piratas japoneses atacaram. Fios de espada preencheram minha visão e labaredas de fogo subiram ao céu por dias.

Os piratas japoneses puseram fogo nas casas e saquearam o povo. As pessoas da vila correram para o leste e para o oeste, afoitas em fugir para todas as direções. Em meio a essa confusão, meus familiares e os servos acabaram se espalhando por aí, cada qual para um destino.

Com esse corpo frágil feito um salgueiro de riacho, eu não podia ir longe e por isso me escondi no fundo do quarto das mulheres. Ali, mantive minha pureza até o fim. Esquivei-me da desgraça preservando minha conduta limpa.

Quando voltaram, meus pais ficaram orgulhosos da filha que guardara a pureza e me despacharam para um refúgio distante, para que eu vivesse escondida por um tempo. E isso já faz três anos.

Ocorre que deixo apenas passar o tempo, dia após dia, inútil como a água do rio que flui ou a nuvem que vaga sem rumo. De coração partido, os dias passam em vão, tanto em noites de lua no outono quanto em manhãs de flores na primavera.

Lamentei por anos esta vida desafortunada, solitária num vale vazio sem vestígio de gente. Afligi-me todas as noites passadas às claras, sentindo-me sozinha como o lindo e

sagrado pássaro Nan das lendas — conhecido por sua fidelidade conjugal —, que perdera seu par.

Com o passar dos dias e das luas, meu espírito foi se devastando. Nas tardes de verão e noites de inverno, minhas entranhas parecem se dilacerar e as vísceras, se rasgar. Senhor Buda, peço encarecidamente que me estenda sua misericórdia.

Sei que o destino de uma vida já vem traçado e o carma das vidas passadas não pode ser evitado. Mas, se houver algum laço destinado a mim, peço que eu o encontre o quanto antes e possa desfrutar da alegria de ter um par. Peço com todo o coração!

A moça jogou a carta no chão e pranteou, aos soluços. Yang ficou olhando para ela através da fresta, sem conseguir conter a ternura. Saltou então para fora de súbito e lhe dirigiu a palavra:

— Por que motivo entregaste aquela carta ao Buda?

O rosto de Yang, que lera a carta de súplica da moça, transbordava de luz e alegria.

— Quem és tu, para ter vindo até aqui sozinha?

— Também sou humana. O que há para suspeitar? Creio que tudo o que o senhor deseja é ter uma linda esposa, não é? Por que tem de perguntar meu nome? Não há nada para ficar perturbado desse jeito — respondeu ela.

Na verdade, o Templo das Mil Fortunas já se encontrava bastante decaído, de modo que os monges habitavam juntos num canto do templo. Em frente ao santuário, restava melancólico um portão conjugado com um depósito vazio, e havia um quarto de assoalho bem estreito onde acabava o depósito.

Yang seduziu a moça e a levou para lá. Ela o seguiu sem sinal de hesitação. Os dois conversaram e se deleitaram sem nenhuma diferença em relação às pessoas comuns.

A noite já ia alta, e a lua surgiu por cima da colina. A sombra da lua balançava na moldura da janela, quando de repente se ouviram passos do lado de fora.

— Quem está aí? Será minha serva? — perguntou a moça.

— Sim. A senhorinha não costuma pôr o pé além do portãozinho do quintal e, mesmo quando o faz, não dá mais que três ou quatro passos. Mas, na noite passada, saiu de repente sem dar notícias! Como é que veio até aqui?

— O que aconteceu hoje não pode ser um mero acaso. Com a ajuda do céu e do Buda, encontrei uma pessoa maravilhosa, e com ela desejo viver e envelhecer por cem anos. Casar sem me comunicar com meus pais seria contrariar os ensinamentos confucianos, mas acabei deleitando-me em prazer com ele. É, com certeza,

um encontro singular nesta minha vida. Vá e traga almofadas, bebida e frutas — ordenou ela.

A serva então arrumou o jardim conforme as ordens, e, nisso, já se adentrava a madrugada.

A mesinha posta era simples e sem floreios, e o aroma da bebida era intenso: decerto não era algo que pudesse ser experimentado no mundo dos humanos. Tudo aquilo poderia causar dúvidas e estranheza, mas o sorriso da moça era cristalino e belo, e seus gestos, elegantes, de modo que, para Yang, ela devia ser a filha preciosa de uma família nobre que transpusera o muro de casa, e não duvidou mais disso. Então, a moça serviu-lhe um cálice da bebida e ordenou à serva que cantasse para alegrá-los:

— Essa menina com certeza vai cantar uma música velha, do jeito antigo. Que tal se eu criar uma nova letra para uma melodia antiga, para aumentar nossa alegria?

Yang assentiu sem hesitar. Ela compôs de pronto uma letra diferente sobre a melodia já conhecida do “Rio tingido de vermelho”² e fez com que a serva a entoasse:

2. Melodia chinesa popular da época da dinastia Song (960-1279); refere-se a uma planta aquática que adquire coloração vermelha a temperaturas frias. Na canção original, o rio tingido de vermelho por essa planta é um símbolo de patriotismo.

Quão fina minha blusa de seda, neste friozinho de
primavera!
Quantas vezes consumida de aflição, enquanto o braseiro
esfria...
As montanhas se emaranham em azul-negro no escuro do
sol já posto
E as nuvens noturnas se estendem como guarda-chuvas
Só, sem um amado para me acompanhar na coberta de
seda bordada com patos-mandarins
Com uma varinha de ouro espetado no coque, sopro a flauta
Quanta aflição em meio a este tempo tão veloz
E quanta angústia me enche o coração!
O biombo de prata é baixinho e a lanterna vai se
extinguindo
Ainda que eu limpe as lágrimas sozinha, quem me
consolará?
Mas quanta alegria nesta noite!
Pois uma melodia, como aquela do flautista chinês Zou Yan
Capaz de fazer voltar a ida primavera
Vem dissipar a mágoa encerrada no túmulo por uma
eternidade
Verto um cálice de bebida ao som da “Canção dos fios de
ouro”
Quanto arrependimento por noites de outrora
A adormecer solitária, de sobrançelha franzida e abraçada
à mágoa!

Terminada a canção, a moça disse com uma expressão tristonha:

— Não pude cumprir a promessa de encontrá-lo na Ilha de Penglai³, mas hoje encontrei meu antigo amado à beira do Rio Claro.⁴ Como isso não seria uma fortuna concedida pelos céus? Se não me abandonares, tratar-te-ei com todo o zelo até o derradeiro fim. Mas, caso não atendas ao meu desejo, iremos nos apartar para sempre, como o céu e a terra.

-
3. Referência ao Monte Penglai chinês, montanha mitológica na qual o imperador Xuanzong (685-762), da dinastia Tang (618-907), teria encontrado a alma de sua amada morta, Yang Guifei, tida como a mulher mais linda no imaginário dos orientais, a ponto de emprestar seu nome à flor de ópio. Ela era, originalmente, esposa de um dos vários filhos do imperador com suas concubinas, que acaba enfeitiçado ao vê-la dançar numa época em que estava desolado depois de perder a esposa. A partir de então, o imperador usa de todas as medidas para tê-la, e, não tendo contraído novo matrimônio, ela ocupou, na realidade, a posição da imperatriz. Entretanto, o imperador apaixonado passou a descuidar de tudo, chegando a colocar o império em perigo e levando a amada à morte.
 4. Originalmente, designa o conjunto dos Rios Xiao e Xiang, mas se refere à região de lagos e rios chamada Xiaoxiang, no centro-sul da China. Xiao significa “claro e profundo”, também um adjetivo usado para descrever o Rio Xiang. Entretanto, trata-se de uma referência mais simbólica do que geográfica, uma vez que, por um tempo, foi um lugar de exílio injusto de ministros talentosos mal reconhecidos pelos soberanos. Por isso, Xiaoxiang passou a designar um gênero da poesia clássica chinesa cuja temática trata da separação e injustiça. Diz-se que, em chinês, a própria sonoridade da palavra remete a uma simbologia fonética da tristeza.

Ao ouvir essas palavras, Yang, tão emocionado quanto surpreso, respondeu:

— Como eu ousaria não seguir tuas palavras?

Mas, como nada era ordinário na atitude da moça, Yang ficou a observá-la com atenção.

Nesse ínterim, a lua parecia estar pousada no pico do monte a oeste, e o canto do galo se espalhava por aquela vila remota. Junto com o primeiro sino do templo, a alvorada começou a irromper ao longe.

— Ei, você, recolha as coisas e volte para casa — ordenou ela.

De pronto, a serva desapareceu, mas não era possível dizer para onde. E a mulher voltou a se dirigir a Yang:

— Agora que o destino já está traçado, pega minha mão e vem comigo.

Os dois foram caminhando, passando por casas simples e comuns. Cachorros latiam por trás das cercas e pessoas passavam por eles. Mas os transeuntes não pareciam perceber que Yang caminhava ao lado da moça e se limitavam a perguntar:

— Aonde vai tão cedo assim?

— Estava deitado no Templo das Mil Fortunas, bêbado, e agora estou indo para a vila onde vive uma velha amiga — respondia ele.

Quando chegou o alvorecer, a moça puxou-o de repente para dentro de um matagal fechado. O campo

estava todo orvalhado e não era possível enxergar o caminho.

— Como é que podes morar num lugar destes? — perguntou Yang.

— A casa de uma moça que vive sozinha é assim mesmo — respondeu ela, entoando um verso do *Livro das odes*⁵, como um chiste:

Por que não se caminha à noitinha
Pela estrada toda úmida de orvalho?
É porque há orvalhos demais!⁶

Yang, de pronto, respondeu com um outro verso do *Livro das odes*:

Aquela raposa ali, rondando para cá e para lá
Sobre a ponte do rio
É a mocinha do Reino de Qi entretida
Pelas ruas tranquilas do Reino de Lu⁷

-
5. Um dos cinco clássicos chineses, os quais teriam sido compilados por Confúcio.
 6. Poema que expressa o cortejo de um homem e a sutil recusa da mulher.
 7. Dinastia Lu (1042-249 a.C.) chinesa, reino onde nasceu Confúcio. O poema é uma colagem de versos do *Livro das odes*, com alusão à sedução de uma mulher.

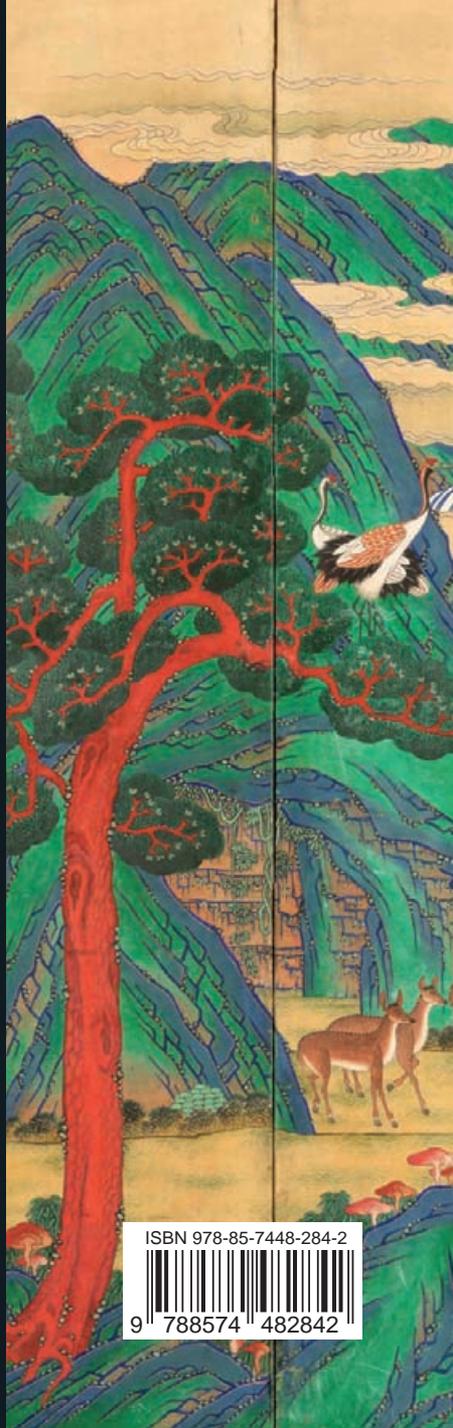
Dinastia Joseon, o “Reino das Manhãs Calmas”, Coreia, século XV: cenário de profundas mudanças políticas, filosóficas e ideológicas na ordem recém-instaurada.

Kim Si-seup, o “gênio desafortunado” cuja erudição assombrou até mesmo o Grande Rei Sejong, inventor do alfabeto coreano, é o porta-voz dessa ruptura. Dividido entre seus ideais de um súdito moral, correto e fiel em dissonância com a realidade política da corte, ele partiu em peregrinação à Montanha Tartaruga Dourada, onde se isolou e compôs estas peças de alto lirismo, cujo conjunto é considerado a primeira narrativa ficcional coreana.

Influências das grandes religiões do Leste Asiático somam-se às reflexões sobre a vida, a morte e o amor, enquanto Kim Si-seup retrata, em matizes fantásticos, uma sociedade em transição.

Tradução do coreano e
textos complementares

Yun Jung Im



ISBN 978-85-7448-284-2



9 788574 482842